

# A lição indexical de Whitehead

## Medida, galáxias e metafísica paradoxal

Hilan Bensusan

**Resumo:** A partir da noção de medida de Whitehead como inevitavelmente situada, é desenvolvida a ideia de uma lógica como medida. Essa abordagem permite uma nova visão da pluralidade de lógicas, parcialmente identificada pelo conceito de galáxias - conjuntos de mundos possíveis. O artigo conclui trazendo alguns elementos paradoxo-metafísicas do indexicalismo para entender melhor como Whitehead poderia estar aqui sugerindo uma filosofia situada da lógica.

**Palavras-chave:** Whitehead, indexicalismo, metafísica paradoxal, galáxias, múltiplas lógicas.

**Abstract:** Starting from Whitehead's notion of measure as inevitably situated, the idea of a logic as a measurement is developed. This approach enables a fresh look at the plurality of logics, partly informed by the concept of galaxies – sets of possible worlds. The paper concludes by bringing some paradoxico-metaphysical elements from indexicalism to further understand how Whitehead could be here hinting at a situated philosophy of logic.

**Keywords:** Whitehead, indexicalism, paradoxico-metaphysics, galaxies, multiple logics.

1. Episódios de medida são ocasiões em que a espontaneidade (de quem mede) e a receptividade (do que fica medido) podem aparecer em fricção. Meço a parede em metros e ela tem exatamente 4 jardas; trata-se de uma parede de 4 jardas apenas se a meço em jardas. Além disso, quando posiciono minha fita métrica nas duas pontas da parede para medir, dependo de se o material da fita é elástico – dependendo do material posso obter o resultado de 10cm. Um instrumento de medida deve ser feito do material apropriado (e Ludwig Wittgenstein, seguindo os passos de Alfred Whitehead em *The Concept of Nature*<sup>1</sup>, se pergunta em *Remarks on the Foundations of Mathematics*<sup>2</sup> se não é apropriado a um vendedor de tecido a metro usar um medidor de elástico). O material da medição tem um impacto no resultado. Também as suposições associadas a uma geometria métrica alteram as medições – por exemplo, se endossamos ou não as suposições de uma geometria euclidiana. Henri Poincaré defendia a ideia

1 Whitehead (2015, ch. 6).

2 Wittgenstein (1956).

de que nenhum elemento da natureza pode nos auxiliar na escolha de geometrias, trata-se de uma escolha puramente convencional. É apenas a nossa conveniência que determina que geometria escolher – um pouco como parece que é a conveniência mútua do vendedor e do comprador de tecido a metro que determina o material da fita métrica. Ao defender uma posição assim, Poincaré parece estar seguro de que há uma distinção marcada entre a natureza medida e o procedimento que mede – entre aquilo que precede qualquer convenção e aquilo que só pode ter lugar depois de uma convenção. A nossa experiência que mede aparece assim como separada daquilo que ela quer medir por uma convenção.

A discussão que se seguiu das afirmações de Poincaré acerca da convenção envolveu aqueles que, como Bertrand Russell, insistiam que a natureza haveria que determinar que a Terra é maior do que uma bola de bilhar. Deveria haver algum fato natural independente de nossas convenções – e de nossa experiência em geral – que decidisse que geometria é a mais apropriada. Willard van Orman Quine era partidário desta opinião e entendia que todas as empreitadas do pensamento estavam sujeitas a veredicto, vindo de alguma parte, do tribunal da experiência que de alguma forma colocava em contato um conjunto de afirmações e um julgamento da natureza. Ao mesmo tempo, Quine insistia que fatos e convenções não estavam separadas mas entrelaçadas como se entrelaçam as teorias empíricas na linguagem. Nem há convenções puras imunes da voz da natureza por meio do tribunal da experiência e nem há veredicto de um tal tribunal que não dependa de outras convenções. O entrelaçamento entre fatos e convenções implica que, na imagem de Quine em “Carnap and logical truth”<sup>3</sup>, nem haja fios no tecido que sejam puramente brancos de convenção e nem pretos de fato. De acordo com uma posição assim, a geometria – como qualquer esforço matemático – responde à experiência; há alguma fato natural que poderia determinar, por exemplo, que a geometria de Riemann é a mais apropriada (já que há evidência em favor da física de Einstein que faz uso dela). Os veredictos, no entanto, dizem respeito não apenas à geometria de Riemann, mas a toda a teoria de Einstein. Assim, as matemáticas – e talvez a lógica – podem então ser objetos de veredictos da natureza se bem que estes veredictos não são isolados, eles julgam uma massa crítica de enunciados. Há então um realismo em matemáticas que não aponta para uma âmbito inteligível, mas que entende que os enunciados matemáticos respondem à realidade do mesmo modo que qualquer outro enunciado.

Gostaria de considerar a resposta ao problema da congruência de Poincaré oferecida não por Quine, mas por seu orientador, Alfred Whitehead.<sup>4</sup> Trata-se, talvez, de uma dissolução do problema: se abandonamos a bifurcação entre nossa percepção da natureza – e as teorias que

3 Quine (1960).

4 Whitehead (2015: ch. 6).

dela surgem – de um lado e a natureza alheia à qualquer percepção dela de outro. A imagem da bifurcação é a imagem de um âmbito de uma percepção sem realidade separada de um outro em que há uma realidade fora do alcance de qualquer percepção – um sonho de um lado e uma quimera de outro. Uma vez descartada esta bifurcação, Whitehead entende que a experiência da natureza não se distingue da natureza ela mesma e, assim, há na natureza uma indicação de que sistema de medição – de que geometria métrica, de que instrumento de medição, de que unidades de medição – é apropriado em cada caso. Há uma indicação na natureza porque há uma indicação na experiência – e de fato o consenso sobre a medida em cada caso é maior do que o dissenso sobre como medir em qualquer caso. A experiência, segundo Whitehead, não para em lugar nenhum antes dos fatos naturais – ou, dito de outro modo, os fatos naturais não são feitos de outra coisa senão do que é feita a experiência. Aquilo que há para conhecer não é substancialmente diferente daquilo que usamos e consideramos em nossos esforços por conhecer. De fato, nossos esforços por conhecer são acontecimentos no mundo do mesmo modo que aquilo que tentamos conhecer – Whitehead substitui uma ontologia de substâncias e predicados por uma ontologia de acontecimentos que se conectam entre si uma vez que eles se medem mutuamente em termos de duração e de posição. A medição da duração e da posição, entretanto, não é feita senão a partir de um ponto de referência; não pode ser feito a partir de um espaço e de um tempo para além da experiência da medição. Não há uma posição ou uma duração absoluta independente de qualquer acontecimento – são os acontecimentos que tem posições e durações.

Diante da diversidade de sistemas de medida, Whitehead recomenda que escutemos as indicações localizadas da experiência. Estas indicações são relativas a um ponto de referência, que ele chama de *locus standi*. Não há sentido em decidir sobre medidas desde parte alguma, a medida (da duração, da posição) é relativa a a um ponto, ao ponto onde a percepção tem lugar. É sobre este *locus standi* que temos indicações naturais que estão longe de serem convenções, são antes exercícios de uma receptividade situada. Não há uma bifurcação entre o convencional e o anterior a qualquer convenção já que não há uma natureza feita de alguma coisa alheia à experiência – de alguma coisa que não seja acontecimento. É a partir de um *locus standi* que se decide acerca de sistemas de medida, não em apelo a alguma visão de parte alguma. A Terra é maior que uma bola de bilhar para nós, Russell está certo; mas não há nenhum fato natural independente de nós que assim o determine, Poincaré está certo. Disse que se tratava talvez de uma dissolução do problema – não precisamos mais decidir se a medida está antes ou depois da convenção. Porém a decisão por um sistema de medida é uma decisão situada, atrelada a uma circunstância – e nem por isso deixa de ser balizada por indicadores naturais. Diante da diversidade de alternativas de medida, Whitehead favorece uma decisão localizada e natural a partir de uma imagem de natureza em que a percepção não é alienígena. Uma

consequência da abordagem de Whitehead é que a natureza não mais aparece como uma totalidade neutra, absoluta e coerente, mas antes aparece como tendo *loci standi* imprescindíveis para qualquer medição, feita do que é feita a percepção dela e repleta de inconsistências (como diz Whitehead em *Modes of Thought*, ch. 3)<sup>5</sup>. É precisamente uma totalidade que pode ser contemplada de parte alguma que Whitehead procura exorcizar. E parte deste exorcismo é o vínculo de qualquer medição com um *locus standi*.

A experiência não é uma janela situada para uma realidade independente de qualquer posição. A janela situada é ela mesma parte do mobiliário do universo que é pensado por Whitehead como sendo um aglomerado de experiências com espaço para diferentes medidas. Não há um mobiliário do universo alheio a qualquer *locus standi*, não há experiência que não esteja na constituição mesma de uma entidade atual. Padrões de medida são fornecidos pela experiência, mas a experiência, por ser situada não é menos do que a natureza – a medida é balizada pela natureza porque é balizada pela experiência. A rejeição da bifurcação da natureza é também a rejeição de que o situado esteja fora do domínio em que se procura medir uma bola de bilhar com respeito à Terra. O consenso é grande de que a última é maior do que a primeira porque trata-se de uma questão que salta aos olhos de quem está situado da maneira como estamos. Mas esta situação não é o que deve ser deixado de lado, é precisamente o ponto de partida. Os *loci standi* constitui a natureza – e é precisamente este caráter situado que faz com que a medida seja central para entender a filosofia que Whitehead está esboçando em *The Concept of Nature*.

Este esboço está em uma continuidade tensa com o sistema completo que aparece em seguida. Este sistema, em *Process and Reality*<sup>6</sup>, desloca a rejeição da bifurcação do problema da medida e do caráter situado da experiência a partir de uma ontologia do acontecimento para o problema da composição da experiência. Ou seja, o elemento basilar não é mais a experiência que acontece e que dá origem ao espaço e ao tempo mas antes a experiência que tem lugar a partir de uma *percepere* que é também *percipi*. Em *Process and Reality*, Whitehead entende que assim como as entidades atuais – gotas de experiência – os nexos são elementos básicos de sua filosofia do organismo. A percepção conecta gotas de experiência formando nexos – e esta conexão entre entidades atuais é da natureza mesma da produção de alguma coisa concreta, da concrecência. O concreto é tributário do nexos, assim como das entidades atuais que são elas mesmas capazes de perceber e serem percebidas e sua experiência pode eventualmente ser intensificada ou atenuada, no modo da percepção da imediação presentânea<sup>7</sup>, por conceitos, teorias, proposições. Os nexos são articulações entre entidades atuais – articulações entre aquilo

5 Whitehead (1968).

6 Whitehead (1978).

7 Whitehead (1978: ch VIII, I).

que se dá à experiência. Nexos, intensificando e atenuando a experiência, modulam a percepção através de um senso de importância.<sup>8</sup> Aquilo que é percebido precisa ser articulado, co-ordenado com o que é suposto, assumido e já sabido.

Não há percepção de um fato isolado, a percepção é já um procedimento de integração, de inclusão em um nexos – e, de certa forma, de medida. De fato, é possível encontrar um elo entre a ontologia do acontecimento de *The Concept of Nature* e a filosofia do organismo de *Process and Reality*. Há uma continuidade, porém também uma tensão. Podemos entender a experiência como um acontecimento, em uma situação. Podemos entender a medida como sendo uma concreção da experiência – e as entidades atuais como incorrigivelmente situadas. O nexos é uma medida. E a medida é parte da percepção, ela produz *lure for feelings*, chamarizes de sentimentos que permitem que aquilo que não era tão bem sentido se torne claro.<sup>9</sup> O nexos articula a experiência articulando a natureza – ele produz o concreto, mas o concreto é entendido sempre em termos de uma configuração da experiência. Se enfatizamos a continuidade, podemos entender a filosofia do organismo como uma resposta ao problema da medida – e como um desenvolvimento sistemático da rejeição da bifurcação. Porém há também uma tensão entre a ontologia do acontecimento e a filosofia do organismo que não poderei senão esboçar aqui. É que a filosofia do organismo, como mostrei em outros lugares, se aproxima de uma neo-monadologia – ela pode mesmo ser entendida como um desenvolvimento do sistema de Leibniz.<sup>10</sup> A ontologia do acontecimento, por outro lado, não se centra em entidades que são interdependentes, mas antes em acontecimentos que são concebidos uns em relação aos outros. Acontecimentos podem ser entendidos como partículas de experiência, mas seu caráter incorrigivelmente situado está em tensão com os princípios monadológicos. Em outros lugares explorei esta tensão em termos do contraste entre monadologias e indexicalismo, a tese de que não há entidades básicas mas indexicais elementares.<sup>11</sup> Esta tensão em Whitehead se esconde por trás de uma continuidade. No que se segue assumo a continuidade, volto a tratar da tensão nas últimas linhas.

2. Gostaria de explorar a ideia de que medidas são nexos. E de conjugar esta ideia com a ideia de que uma lógica é um nexos e, de certa maneira, uma medida. Uma lógica, assim, não é nem uma descrição abstrata de relações que tem lugar na natureza independente de qualquer experiência e nem uma descrição de formas da experiência sem qualquer relação com a natureza. Com Quine e suas insinuações, no final dos seus "Two dogmas of empiricism"<sup>12</sup> de que também

8 Whitehead (1968: ch. 1).

9 Whitehead (1978: ch. IX).

10 Bensusan & Alves de Freitas (2018), Bensusan (2020).

11 Bensusan (2018), Bensusan (2019).

12 Quine (1951).

não há um princípio que possa separar a verdade lógica dos enunciados sintéticos, podemos pensar que a lógica não é uma exceção à rejeição da bifurcação da natureza que propõe Whitehead: ela não é apenas um conjunto de enunciados sobre os significados (dos termos lógicos). A lógica, pensada sem bifurcação, é ela mesma parte da experiência e, nem por isso, não deixa de ser constitutiva da natureza. Ela é um nexos.

A diversidade de lógicas pode ser entendida como uma diversidade de medidas de inteligibilidade – como uma variedade de medição e de nexos. Trata-se de uma diversidade enorme se considerarmos o universo das lógicas não-tarskianas em que uma lógica é apenas uma relação de consequência sobre um conjunto de proposições. Assim, por exemplo, um sistema anti-clássico em que são proposições logicamente válidas precisamente aquelas que não são logicamente válidas na lógica clássica, constitui uma lógica. É uma lógica que determina quais mundos são possíveis – e quais são impossíveis, na linguagem de David Lewis.<sup>13</sup> Com isso, toda a inteligibilidade modal é relativa a uma lógica se o possível, o necessário (como o contingente e o impossível) são entendidos em termos de mundos possíveis. Chamei, com Alexandre Costa-Leite e outros,<sup>14</sup> de *galáxias* de mundos o conjunto de mundos possíveis associado a uma lógica. Quando fazemos asserções acerca do contingente e do necessário estamos na maior parte dos casos fazendo julgamentos intra-galácticos. O pluralismo lógico implica assim um pluralismo modal – o que é necessário em uma galáxia é contingente em outra. Para evitar esta conclusão, seria preciso rejeitar que categorias modais possam ser entendidas em termos de mundos possíveis – associando talvez estas categorias diretamente a nossa experiência, a nossa posição a partir da qual é possível fazer medições dos nexos modais. Consideremos, contudo, que as categorias modais são pelo menos passivas de serem traduzidas aos termos da semântica modal. Neste caso, do pluralismo modal se segue que julgamentos modais inter-galácticos requerem a escolha de uma lógica sobre as demais.

Para apreciar a proporção da diversidade de lógicas (e do pluralismo modal), consideremos a generalização da lógica anti-clássica mencionada acima para uma lógica  $L$  qualquer. Um conjunto de fórmulas quaisquer  $\Gamma$  tem como consequência lógica da *antilógica*  $L$  a fórmula  $\alpha$  se e somente se  $\Gamma$  não tem  $\alpha$  como consequência lógica de  $L$ . Em uma lógica proposicional clássica, se  $\Gamma = \emptyset$ , para qualquer  $p$  ou  $q$  atômica, vale  $p$  ou  $\neg p$  e  $\neg(p \text{ e } \neg p)$  e não vale  $p$  nem vale  $q$ . Na antilógica desta lógica, se  $\Gamma = \emptyset$ , não se segue que  $p$  ou  $\neg p$  e que  $\neg(p \text{ e } \neg p)$  mas se segue que  $p$  e que  $q$ . Assim, todos os mundos em que  $q$  é falso não estão na galáxia desta antilógica – mas mundos contraditórios ou sem o terceiro excluído estão nesta galáxia. Note que um mundo  $M$  contraditório em que  $q$  é falso não pertence nem à galáxia da lógica e nem da

13 Lewis (1986).

14 Bensusan et al. 2015.

antilógica enquanto um mundo  $M'$  não-contraditório em que  $q$  é verdadeiro pertence a ambos. Ou seja, se  $G(X)$  é a galáxia de uma lógica e  $K$  é a lógica proposicional clássica que consideramos,  $M$  não está em  $G(K)$  e nem em  $G(K)$  e  $M$  não pertence à união da duas galáxias, enquanto  $M'$  está na interseção entre ambas. É interessante que toda fórmula bem formada de  $K$ , se  $\Gamma = \emptyset$ , vale ou em  $K$  ou em  $K$ . A união do que vale em  $K$  e  $K$  forma o conjunto das fórmulas bem formadas de  $K$  (e  $K$ ); ou seja, forma a totalidade do que pode ser expresso na linguagem de  $K$ . Em contraste, a união de  $G(K)$  e  $G(K)$  não forma nenhuma totalidade de mundos. É fácil ver que para qualquer  $L$ , há sempre um mundo que não está na união de  $G(L)$  e  $G(L)$ .

Há muitas maneiras de lidar com o pluralismo modal. Uma delas é tentar mostrar que há uma lógica mais apropriada que as demais – o que equivaleria talvez a considerar uma geometria métrica melhor que todas as demais em todos os casos. Para a quebra da neutralidade entre as galáxias, seria preciso uma indicação de alguma parte, de que parte? E esta indicação seria considerada através de que lógica? Uma outra maneira é considerar todas as alternativas como igualmente adequadas, como uma espécie de realismo acerca de todas as galáxias que estenderia o realismo modal de David Lewis postulando uma totalidade inter-galáctica. Esta totalidade seria inconsistente – ainda que mantivesse o caráter neutro e absoluto da realidade – e teria algo em comum com o que Kit Fine chamou de *über*-realidade para tratar da conjunção de todas as perspectivas temporais.<sup>15</sup> Fine diz que na *über*-realidade eu estou sentado e eu estou em pé ainda que em nenhum momento que eu esteja eu possa estar sentado e de pé – em nenhum *locus standi*, poderíamos dizer, eu posso estar em um evento contraditório. A contradição ocorre apenas nesta totalidade inconsistente que abarca tudo; quando alguma coisa específica tem lugar, a contradição desaparece. É como se ao invocar a totalidade, o paradoxo surgisse no horizonte.

Quando falamos de galáxias e consideramos uma metafísica da modalidade que não seja apenas intra-galáctica, estamos considerando pelo menos três totalidades – ou, se quisermos, três domínios. A primeira é a totalidade  $F$  das fórmulas bem formadas em uma lógica, a totalidade do que pode ser expresso em uma linguagem e que forma o domínio do que ser expresso na lógica – e em lógicas como a antilógica construída a partir dela. A segunda é a totalidade das lógicas que podem ser expressas em termos de galáxias; porém nem todo conjunto de mundos é uma galáxia, para cada conjunto de fórmulas bem formadas, há conjuntos de mundos que não formam galáxias. O conjunto de todas as galáxias para um conjunto de fórmulas bem formadas  $F$ , que podemos chamar de  $G$ , é um subconjunto do conjunto das partes do conjunto de todos os mundos. Aqui podemos entender que  $G$  é o conjunto das lógicas que podem ser expressas

15 Fine (2005), ver também Bensusan (2011).

em **F**, mas podemos considerar também como lógicas todos os subconjuntos de mundos  $e$ , assim, há mais lógicas do que o conjunto das galáxias **G**. Por fim, a terceira totalidade é **M**, a totalidade dos mundos que dizem respeito a **F**, e que formam as galáxias das lógicas (e todos os conjuntos de mundos). Como vimos,  $L \cup L = \mathbf{F}$ , mas a  $G(L) \cup G(L)$  é um subconjunto de **M**. Estas três totalidades tem diferentes relações entre si. É interessante notar que o conjunto dos mundos não é caracterizado pela união das galáxias de uma lógica e de sua respectiva antilógica – isto quer dizer que há mundos que não estão em nenhuma destas galáxias. O conjunto de todos os mundos (assim como o conjunto de todas as galáxias) é um conjunto que, tal como a *über-realidade* de Fine, é inconsistente. Veremos como podemos entender uma metafísica modal que leve em conta todas as galáxias – e possivelmente todos os mundos – sem que a inconsistência provoque um colapso.

3. A resposta de Whitehead à Poincaré pode nos instruir na lida com a diversidade de medições modais já que se considerarmos todas as geometrias métricas, por exemplo, teríamos uma totalidade também inconsistente. A resposta de Whitehead se baseia, como vimos, em exorcizar a bifurcação entre a natureza e a percepção dela. Isto significa rejeitar uma imagem da natureza que a coloca desde o começo como inacessível à nossa experiência dela – e em particular à nossa medição dela. É por isso que nela há pontos de referência a partir dos quais pode haver uma indicação natural acerca de que sistema de medida adotar. A primeira vista, pode parecer que uma vez que a crítica à bifurcação de Whitehead diz respeito a entidades naturais, ela não se aplica a lógicas, a galáxias ou a modalidades. Penso, no entanto, que há aqui também uma bifurcação entre o a medida de um lado e aquilo que é medido do outro; digamos, entre nossos mundos possíveis e impossíveis de um lado e o que é contingente ou necessário de outro. Ao considerarmos qual é a lógica (ou a galáxia) mais apropriada, nos perguntamos acerca de como é a distribuição de necessidades e contingências no mundo – e esperamos uma indicação como aquela que poderia nos dizer que a geometria riemanniana é a mais adequada. Whitehead recomendaria que consideremos o nosso *locus standi*, ou seja, que consideremos aquilo que queremos medir para sabermos qual é o sistema de medida apropriado. Nossas percepções e medições são acontecimentos que são contemporâneos e concomitantes a outros acontecimentos que determinam o que é contingente e o que é necessário. Lembremos que em uma ontologia de acontecimentos como a de Whitehead, estados de coisa são eles mesmos acontecimentos que estão associados a uma duração – assim, também podemos pensar em estados de coisa modais como acontecimentos modais. Como acontecimentos, eles estão sempre sendo medidos por outros acontecimentos e talvez possamos pensar nos mundos possíveis (e impossíveis) como instrumentos de medida.

Se pudermos fazer uso do esquema de resposta de Whitehead para o pluralismo modal, teremos



que associar a cada questão modal que requeira uma decisão acerca de que galáxia considerar um acontecimento medidor, um *locus standi*. Nossos julgamentos modais de fato dependem de onde estamos e do que queremos avaliar – saber se é possível que chova requer instrumentos de medida diferentes para uma meteoróloga e para um pedestre. Pensar nas modalidades como sendo acontecimentos é pensar no que torna possível alguma coisa e no que garante que alguma coisa seja necessário. As modalidades não estão associadas a estruturas do mundo anteriores a qualquer acontecimento, mas antes emergem da fricção dos acontecimentos, inclusive dos acontecimentos de medida. Assim como a imagem de natureza que emerge do exorcismo da bifurcação de Whitehead é uma imagem de acontecimentos que se medem mutuamente e que não estão balizados em nenhum estado de coisas fixo independente da medição – independente da percepção. As percepções e medições dos acontecimentos não são itens subjetivos e nem os objetos que aparecem nessas percepções e medições são eles mesmos não-percebidos – eles são percebidos através dos acontecimentos percebidos e medidos. O abandono da bifurcação é, para Whitehead, o abandono da distinção entre o sujeito com percepções desconectadas da realidade – ou medições convencionadas – e objetos fora do alcance de qualquer percepção – de qualquer medição. A medição é relativa à posição, a duração e ao que acontece no acontecimento medidor. Para pensarmos em *loci standi*, talvez possamos pensar que toda modalidade é uma co-modalidade, a ser construída em termos de possibilidades, por exemplo. Assim, alguma coisa é possível em conjunção com outras coisas possíveis e em exclusão de impossíveis. Se é assim, a possibilidade deve utilizar como um de seus pontos de referência o acontecimento medidor – aquilo que está sendo o caso para quem mede. Ou seja, é contingente ou necessário, digamos, para quem está na posição da medição.

Podemos pensar que categorias modais são mais como indexicais que como substantivos. De fato, julgamentos do que é necessário ou contingente são relativos a um ponto de referência assim como outros acontecimentos tem lugar apenas quando eles passam por um ponto de referência. É apenas em relação a este ponto de referência que alguma coisa se passa, que alguma coisa acontece. Este ponto de referência é um acontecimento que envolve durações mais lentas, para que o acontecimento possa por ele passar. É uma espécie de efeito Doppler metafísico: é apenas em relação com alguma coisa fixa (ou que se passa mais lentamente) que se pode perceber o que passa.<sup>16</sup> Algo similar ocorre com julgamentos modais, alguma coisa é necessária apenas em função de outras que são possíveis ou contingentes. Podemos então entender *loci standi* em termos de um acontecimento medidor que é ele mesmo necessário ou contingente; note-se que acontecimentos são sempre feitos de outros acontecimentos – Whitehead fala de uma abstração útil que é a partícula de acontecimento. Modalidades são como

16 Bensusan (2016).

maior, menor, frio, quente, mais cedo ou mais tarde – ou como movimento e repouso, como mesmo e outro, como dentro e fora. Requerem um ponto de referência. É apenas em relação a estes pontos de referência que julgamentos modais podem ser feitos. E é apenas em relação a um *locus standi* que concebemos mundos possíveis que, como diz Kripke, não são nem como planetas distantes acessíveis por um telescópio e nem como países estrangeiros, mas como construções a partir de uma situação específica no mundo atual. Talvez entendermos modalidades como indexicais seja a melhor maneira de entender que mundos possíveis são sempre relativos ao mundo atual.

4. Ou seja, podemos dizer que os julgamentos de mundos possíveis e as modalidades que neles implicam são eles mesmos situados. A escolha de uma lógica não pode ser senão evidente dado um *locus standi*, como indica a concepção de congruência de Whitehead. Se a realidade é feita de pluralidade de medidas que se tornam apropriadas em situações específicas, ela é ela mesma situada. Há na realidade mesmo *loci standi* – e, portanto, uma diversidade de lógicas que são como a diversidade de medidas. A totalidade que pode formar a realidade não pode ser senão ela mesma situada.

Se isto é paradoxal, é porque paradoxais são as coisas. Esta mensagem se assemelha aquela que Jon Cogburn atribui à metafísica paradoxal que ele define assim:

*a metafísica procura oferecer uma abordagem maximamente geral de como é a realidade tal que um certo fenômeno seja o caso. Mas se o fenômeno é que a metafísica é impossível? Então a tarefa da metafísica é oferecer uma abordagem maximamente geral; da realidade tal que a metafísica seja impossível. Se o projeto soa paradoxal, é porque é.<sup>17</sup>*

A ideia é que a impossibilidade da metafísica requer uma explicação metafísica. A metafísica paradoxal mostra que a metafísica é ela mesma necessária e impossível. Uma consequência possível é que a impossibilidade de uma totalidade, requer uma explicação que nos ensina algo de maximamente geral sobre a realidade. A totalidade que a metafísica postula é ela paradoxal e Cogburn entende que a única totalidade que a metafísica pode encontrar é inconsistente. Uma metafísica situada – centrada em uma imagem de natureza com *loci standi* – é paradoxal. Se, de fato, não há senão nexos situados, e se a totalidade é umnexo – ou umnexo dos nexos – não há espaço para nenhuma totalidade que não seja tão situada como os nexos. Ou seja, não há totalidade que não seja paradoxal, composta a partir de uma medida qualquer e qualquer medida depende de um *locus standi*. Se a realidade é composta de medidas, ela é paradoxal.

17 Cogburn (2017: 8-9), tradução minha.

As medidas são muitas como as lógicas – como os nexos. De um ponto de vista que rejeita a bifurcação, não há nada de perturbador em entender que a natureza é ela mesma feita do que é feita a experiência – de medições que são plurais e situadas. Não há apenas uma experiência, e portanto, não há apenas uma medida; o conjunto de todas as medidas não forma uma totalidade não situada. Não há uma experiência, e portanto, não há apenas umnexo, uma lógica. O todo só pode ser paradoxal se ele agrega experiências e o agregado não pode ser senão uma experiência. Esta é a lição indexical da filosofia de Whitehead.

Certamente a melhor maneira de lidarmos com o pluralismo modal (e o pluralismo lógico) requer entender que a medida modal depende de um ponto de referência e que a totalidade que baliza uma tal concepção – a metafísica modal que entende as modalidades como atreladas a galáxias e a uma pluralidade delas – é inconsistente. A metafísica (inter-galáctica) das modalidades é portanto talvez uma metafísica paradoxal. Porém isto não impede que façamos julgamentos modais que façam uso de muitas galáxias, apenas situa estes julgamentos em *loci standi*. A relatividade das medidas não desautoriza medida alguma – apenas as situa. A natureza aparece para Whitehead como algo diferente de uma totalidade consistente – a realidade é intrínsecamente situada. O agregado das experiências só pode ser situado. A lição indexical de Whitehead – que vemos agora como permite que vislumbremos uma posição nova e fértil acerca do pluralismo lógico – é que as situações não precisam ser exorcizadas. Aqui podemos nos ver de novo às voltas com a tensão entre a filosofia do organismo e a ontologia do acontecimento de Whitehead. Se sua lição indexical rejeita qualquer exorcismo das situações – e, portanto, da sujeição da natureza a uma totalidade sem ponto de vista – sua mensagem monadológica (ou com base nos organismos) resgata a inteligibilidade de um aglomerado de entidades atuais ainda que cada uma delas seja uma gota de experiência situada. Se pensarmos no paradoxo que aparece quando pensamos na medida dentro dos quadros da bifurcação, vemos que o paradoxo desaparece se levarmos a sério os pontos de onde a medida é feita – os *loci standi*. Mas precisamente os *loci standi*, que balizam as medidas, os nexos e a pluralidade de lógicas, conduzem a uma imagem da natureza que não pode ser paradoxal – por não poder ser senão situada. É aqui que importa sobretudo levar em conta a lição indexical de Whitehead.

A lição indexical de Whitehead nos permite associar nossos julgamentos, mesmo os mais abstratos e os maximamente gerais à uma situação. Ela implica uma metafísica situada – que deriva da ideia de um indexicalismo metafísico que se compromete com o caráter circunscrito da metafísica que promove, ao mesmo tempo, uma crítica à ambição mesma da metafísica.<sup>18</sup> As lógicas não são alheias a este caráter situado da metafísica que a torna paradoxal. Porém

18 Bensusan (2020a)

uma metafísica situada não teria ela mesma uma estrutura lógica subjacente, por exemplo, algo como uma lógica indexical ou uma lógica dos demonstrativos nos moldes propostos por David Kaplan?<sup>19</sup> A pergunta é sobre se não haveria uma meta-lógica indexical capaz de ordenar de alguma maneira as múltiplas galáxias. A resposta é uma reiteração do paradoxo: enquanto lógica, esta lógica indexical tem uma galáxia como todas as demais e portanto está também circunscrita e não pode expressar a totalidade. A metafísica (indexicalista) fica situada em uma galáxia – e é por isso que ela é paradoxal.

A lição de Whitehead é que nem por isso ela se torna menos importante ou se preocupe menos com aquilo que é maximamente geral.

### Referências:

- BENSUSAN, Hilan (2011) "The cubist object: Black boxes, über-realism and the metaphysics of perspectives", *Speculations* 2, pp. 169-186.
- BENSUSAN, Hilan (2016) *Being Up For Grabs: On Speculative Anarcheology*, Londres: Open Humanities.
- BENSUSAN, Hilan (2018) "Towards an indexical paradoxico-metaphysics", *Open Philosophy* 1, pp. 155-172.
- BENSUSAN, Hilan (2019) *Deictic Absolutes: On the Proximity of the Great Outdoors*, manuscript.
- BENSUSAN, Hilan (2020) "The road from Leibniz to Whitehead (and further): Monadology and process philosophy", *Process Studies*, no prelo.
- BENSUSAN, Hilan (2020) *Indexicalism: Realism and the Metaphysics of Paradox*, Edinburgh: Edinburgh University Press, no prelo.
- BENSUSAN, Hilan, Alexandre COSTA-LEITE & Edelcio SOUZA (2015) "Logics and their galaxies", in: *The Road to Universal Logic*, Nova Iorque: Springer.
- BENSUSAN, Hilan & Jadson ALVES DE FREITAS (2018) *A diáspora da agência: Ensaio sobre o horizonte das monadologias*, Salvador: EdUFBA.
- COGBURN, Jon (2017) *Garcian Meditations: The dialectics of persistence in Form and Object*, Edinburgh: Edinburgh University Press.
- FINE, Kit (2005) "Tense and Reality," in *Modality and Tense: Philosophical Papers*. Oxford: Oxford University Press, pp. 261–320.
- KAPLAN, David (1989) "Demonstratives", in Almog, J., Perry, J. & Wettstein, H. *Themes from Kaplan*, Oxford: Oxford University Press.

19 Kaplan (1989)

LEWIS, David (1986) *On the Plurality of Worlds*, Oxford: Blackwell.

QUINE, Willard van Orman (1951) "Two Dogmas of Empiricism," *Philosophical Review*, 60, pp. 20–43.

QUINE, Willard van Orman (1960) "Carnap and logical truth", *Synthese* 12 (4), pp. 350–74.

WHITEHEAD, Alfred North (1968) *Modes of Thought*. Nova Iorque: The Free Press.

WHITEHEAD, Alfred North (1978) *Process and Reality: An Essay in Cosmology*. Gifford Lectures, University of Edinburgh, 1927–28. Eds. David Ray Griffin and Donald W. Sherburne. Nova Iorque: The Free Press.

WHITEHEAD, Alfred North (2015) *The Concept of Nature*. Cambridge: Cambridge University Press

WITTGENSTEIN, Ludwig (1956) *Remarks on the Foundations of Mathematics*, tradução de G. E. M. Anscombe. Oxford: Blackwell.